

DIÁRIO DE NOTÍCIAS	19.001.1974	COMÉRCIO DO PORTO
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA



Michel Rocard falando na abertura do Seminário que decorreu na Sociedade de Geografia, vendo-se na mesa da presidência os ministros Salgado Zenha e Costa Martins

## RESPOSTA À CRISE MUNDIAL DO CAPITALISMO

# A AUTOGESTÃO SOCIALISTA COMO ÚNICA VIA PARA OS TRABALHADORES

—segundo o economista francês MICHEL ROCARD

Em duas lições proferidas na Sociedade de Geografia e no decorrer de uma conferência de Imprensa promovida pelo Partido Socialista Português, Michel Rocard defendeu, a solução do socialismo auto-

gestionário como única resposta à crise actual do capitalismo, adiantando que esta perspectiva se insere totalmente na luta de classes actual e corresponde às aspirações das massas trabalhadoras na sua exigência de «controlo» crescente dos centros de decisão.

Aquele economista e dirigente do Partido Socialista Unificado lembrou nomeadamente experiências de autogestão já realizadas, como a jugoslava (dizendo contudo que haveria de evitar erros cometidos por esta), e o desenvolvimento das lutas da classe operária em França, Itália, Inglaterra e Suécia, nos últimos anos, para ilustrar as suas afirmações, afastando no entanto a via revolucionária (ou insurreccional) para alcançar aquele objectivo.

Michel Rocard, como se sabe, pertence à facção minoritária do P. S. U. que tenta «crinar um arremete» com o P. S. e a C. F. D. T. (Confederação Francesa Democrática do Trabalho), um «grande Partido Socialista», colocado à direita do P. C. P. mas utilizando uma linguagem (a autogestão) para parte dessa linguagem) que o ultrapasse pela esquerda, na tentativa de chamar a si as massas trabalhadoras. Este projecto, bastante criticado pelo P. C. F. e pela ala esquerda do próprio P. S. U. (maioritária e que se desligou da facção Rocard), parece no entanto ter viabilidade e resultar efectivamente na conquista de um lugar importante no espectro político francês.

Em Portugal e a convite do Instituto de Aperfeiçoamento Técnico Acelerado, Michel Rocard veio falar da crise actual do capitalismo e das soluções que se oferecem para a ultrapassar, sendo proferido ontem, como referimos, duas lições, de manhã e à noite, na Sociedade de Geografia, inaugurando um seminário a que assistiram os ministros da Justiça e do Trabalho e o secretário de Estado do Trabalho, da Habitação e Urbanismo e da Emigração. Entretanto, participou, ao princípio da tarde, numa reunião com a Comissão Interministerial de Assuntos Económicos e visitou a sede do Partido Socialista Português.

### Ensinaamentos da luta operária

Na lição dada de manhã na Sociedade de Geografia, Michel Rocard fez uma pormenorizada análise da crise mundial do sistema capitalista, referindo-se nomeadamente à inflação generalizada e aos défices na balança de pagamentos de quase todos os países, enquanto se agravam as contradições do sistema e o descontentamento das massas trabalhadoras, sujeitas a tarefas alienantes e despojadas, em regra, de qualquer possibilidade de intervenção no sentido de melhorar não só as condições de trabalho como as condições de vida social.

No entanto, disse, e paralelamente com o acesso à informação, desenvolve-se no seio da classe operária a consciência do carácter repetitivo do trabalho, do facto de ser posta ao serviço da produção e não a produção ao seu serviço, do afastamento cada vez maior entre local de trabalho e habitação (com as horas perdidas em transportes), da falta de segurança, de higiene, de estruturas sociais que possibilitem a fruição colectiva de actividades criadoras e desportivas, etc. Este, disse, Rocard, é outro aspecto da crise com que se debate o sistema capitalista mundial e que se reflecte inevitavelmente nas massas trabalhadoras, a quem já não satisfaz pura e simplesmente a reivindicação de maiores salários, mas que exigem a melhoria das condições sociais, a capacidade de participar no controlo dos meios de produção, etc. Ora a única via de resolver as contradições do sistema e de chegar a uma sociedade justa é, segundo Rocard, a do socialismo auto-gestionário que, sem perder a sua referência marxista, parte sobretudo da recolha das experiências da classe operária em luta.

Essa luta, afirmou, permite colher já resultados bastante positivos e ensinaamentos de valor. Situando-nos no pólo a experiência jugoslava (que corresponde a uma decisão colectiva num país e cujos erros de incompatibilidade entre descentralização das decisões e planificação central devem ser evitados), Rocard tomou como referências a Comuna de Paris, os primeiros «soviets» na Rússia, o pós-guerra na França e, mais recentemente, as lutas conduzidas no sentido da autogestão (como as da fábrica de relógios Lip), para acentuar que é para a escolha desta solução que se encaminha a classe operária.

Para Rocard, a eficiência da autogestão é inegável e tanto assim é, disse, que o próprio capitalismo tenta explorá-la a seu favor e aplicá-la, nomeadamente transpondo-a para a co-gestão — via que um socialista não pode aceitar porque ignora a existência da luta de classes. Assim, disse, uma sociedade autogestionária seria aquela em que as decisões seriam tomadas ao nível mais baixo, numa efectiva descentralização.

### Papel da Informação

Na conferência de Imprensa realizada, a meio da tarde, por iniciativa do P. S. P., Michel Rocard desenvolveu alguns destes temas, situando-os, sobretudo, na problemática do seu próprio país, cuja actual política criticou severamente, afirmando que a situação económica se degrada rapidamente, porque «nada se fez para atacar as estruturas inflacionistas». Só a autogestão, disse, permitiria resolver os problemas com que se debate a França.

No entanto, e afirmando embora estopers naquela via, Rocard não explicitou inteiramente, e em resposta a uma nossa pergunta, como conciliar a via da autogestão e a sociedade capitalista vigente no seu e outros países da Europa, na medida em que o capitalismo não abdicará da sua posição e não estará certamente de acordo em «presentear» as massas trabalhadoras; por outro lado, e numa via parcelar, lenta, põe-se o problema de um confronto, porquanto uma fábrica autogerida, por exemplo que dependa de fornecedores capitalistas, poderá ver restringida ou bloqueada a sua ação.

Rocard disse crer que, apesar disto, a autogestão era possível e que uma informação completa, nomeadamente através da tele-informática, poderia ter um papel muito importante a desempenhar. Por outro lado, afirmou, existe a pressão das pessoas que não querem já apenas a satisfação de exigências quantitativas (salários, etc.), mas que se bateu pela melhoria de condições de vida, não suportando mais que os seus destinos sejam decididos de cima, por pessoas que elas não vêem. E é nesta perspectiva, disse, que a autogestão surge como resposta, numa verdadeira «redescoberta» das teses de Karl Marx sobre autodeterminação dos trabalhadores.

### Afastada a hipótese revolucionária

Para o conseguir, disse Rocard, há que conduzir a luta contra o capitalismo ganhando a confiança dos trabalhadores. Verificasse, acrescentou, em resposta a outra pergunta, que as possibilidades de mobilização popular mais fortes, quer do ponto de vista eleitoral, quer do do militante, são as que seguem a corrente da autogestão. Esta, evidentemente, e na perspectiva de Rocard, atingir-se-ia por intermédio de uma conquista da legitimidade — por via eleitoral.

De resto, segundo Rocard, seria esta a única solução, porquanto na Europa, está afastada a hipótese da tomada de poder socialista por via insurreccional, dado que, na situação mundial de momento o imperialismo tem ainda força para não o permitir. Rocard, de resto, afirmou ainda que esta não pressupõe a adopção de uma linha socialista reformista como a que a seguir, disse, pelo P. C. Francês, que creusaria solidarizar-se com as lutas operárias de base como as da fábrica Lip.

Michel Rocard, em resposta a outra pergunta nossa, diria ainda não haver o risco, na tentativa de instauração desta via no interior de uma sociedade capitalista, da autogestão assumir a forma de utopismo mais humano, respondendo que a orientação para a autogestão teria que partir da sociedade inteira, após um processo de pedagogia colectiva. Não seria propriamente o Governo a intervir e a ordenar a autogestão, disse, mas esta dependeria da vontade dos trabalhadores. Assim, estaria totalmente posta de lado a co-gestão, mas, no período transitório, e por intermédio das suas lutas, os trabalhadores ganhariam crescente poder nas empresas, devendo, entretanto, o Governo criar um estatuto facultativo e experimental para estas últimas, tendo em vista o objectivo final.

### A C. E. E. afunda-se

Durante a conferência de Imprensa, Michel Rocard, fez ainda uma dura crítica à Comunidade Económica Europeia, cujos objectivos nunca foram cumpridos, disse, servindo apenas os interesses das multinacionais. Referindo-se concretamente a Portugal, afirmou que o nosso país deveria medir as consequências de uma adesão ao mecanismo da C.E.E. que está prestes a afundar-se. Antes, Rocard, referiu-se concretamente à ausência de uma política comum na C.E.E., com excepção da agrícola, a qual, e devido à política do Governo da Alemanha Federal, estava igualmente a ponto de socobrar.

A crise mundial do capitalismo nos seus três aspectos principais (inflação generalizada e recessão de pagamentos deficitárias e balança por parte das massas trabalhadoras de uma sociedade em que o homem está ao serviço da produção e não a produção ao serviço do homem), a crise específica do sistema francês e o papel dos Estados Unidos como nação tutelar do capitalismo internacional e as tarefas que se impõem à esquerda francesa (não comunista) foram outros temas abordados na conferência de Imprensa, salientando-se, nomeadamente, e no respeitante a este último aspecto, o optimismo de Rocard quanto às possibilidades do entendimento PS-P.S.U. na construção do socialismo autogestionário em França.

Fundação